



**A VERDADE COMO FUNDAMENTO DA FELICIDADE
NA OBRA DE SANTO AGOSTINHO**

**FRANCISCO CLEBIO FIGUEIREDO¹ E
FRANCISCO ROMÁRIO DE QUEIROZ SILVA²**

RESUMO: Considerando a importância que os temas sobre a verdade e a felicidade sempre ocuparam no campo da filosofia, bem como a pertinência que ainda nos dias atuais apresenta o pensamento agostiniano, objetiva-se apresentar neste trabalho como Santo Agostinho definiu os conceitos de verdade e felicidade e de que modo ele entendia ser a Verdade o pressuposto para a beatitude. Para tanto, procede-se a uma seleção dos principais textos em que o bispo de Hipona melhor desenvolveu sua compreensão a respeito destes temas, tais como as *Confissões*, *A Trindade*, *A vida feliz*, *Solilóquios*, *A Verdadeira religião*, *O livre arbítrio*, *A doutrina cristã*, *A cidade de Deus* e as *Retratações*. Ao mesmo tempo, a pesquisa está amparada em comentadores de Santo Agostinho como Trapé (2018), Gilson (2010), Maschio (2017) e outros. Desse modo, observou-se que no pensamento agostiniano a Verdade é uma espécie de luz incorpórea que ilumina o homem e à qual deve ele aderir. Essa Verdade ontológica é o próprio Deus bíblico-cristão, o qual, por sua vez, constitui o fundamento para a Vida feliz. O que permite concluir que, para Agostinho, o homem é feliz na medida que conforma sua vida à Verdade, e que somente a alcançam aqueles que purificam o olhar da mente.

PALAVRAS-CHAVE: Felicidade. Verdade. Agostinho. Interioridade.

ABSTRACT: Considering the importance that the themes of Truth and happiness have always occupied in the field of philosophy, as well as the relevance that Augustinian thought still presents today, the objective of this work is to present how Saint Augustine defined the concepts of Truth and happiness and how he understood the Truth to be the presupposition for beatitude. To this end, a selection of the main texts in which the Bishop of Hippo best developed his understanding of these topics, such as *Confessions*, *The Trinity*, *Happy Life*, *Soliloquies*, *True Religion*, *Free Will*, *Christian doctrine*, *The city of God* and *Retractions*. At the same time, the research is supported by commentators from Santo Agostinho such as Trapé (2018), Gilson (2010), Maschio (2017) and others. In this way, it was observed that in Augustinian thought, Truth is a kind of incorporeal light that illuminates man and to which he must adhere. This ontological Truth is the biblical-Christian God Himself, which, in turn, forms the foundation for happy Life. This allows us to conclude that, for Augustine, man is happy to the extent that he conforms his life to the Truth, and that only those who purify the gaze of the mind reach it.

KEYWORDS: Happiness. Truth. Augustine. Interiority.

¹ Professor da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar nos cursos de Pedagogia e Administração. Professor do Departamento de Letras Vernáculas do Campus Avançado de Pau dos Ferros - CAPF/UERN. Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: clebiofigueiredo@uern.br.

² Graduando do curso de Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: romario15fir@gmail.com.

Temas como a felicidade e a verdade sempre foram objeto de discussões e estudos por parte dos filósofos. Desde os tempos mais remotos o homem sentiu a necessidade de conceituar e responder aos seus mais profundos anseios. Por certo, a noção de verdade e felicidade faziam parte desses anseios. Como se pode observar, desde a filosofia clássica houve diferentes definições sobre como encontrar a felicidade e no que ela consiste.

Epicuro dissertava que a felicidade consistia no controle dos medos e dos anseios para que o prazer seja estável e equilibrado. Por sua vez, Sócrates a fazia residir na prática da virtude. Seu discípulo, o ateniense Platão, afirmava que a felicidade consiste na prática do bem baseada na ética. Nesta linha, Aristóteles estabelecia uma hierarquia de bens. Assim, para ser feliz, devia o homem buscar os bens superiores.

Com o surgimento da religião cristã, o conceito de felicidade se ligou ao de uma bem-aventurança transcendente e, ao mesmo tempo, à própria noção de Verdade que, por sua vez, era seu fundamento e sustentação, como se pode observar nos escritos bíblicos neotestamentários³, especialmente os escritos joaninos.

Nesta linha de pensamento se insere Santo Agostinho, filósofo e teólogo do século V d.C. da era patrística. Por certo, nos primeiros séculos quando ocorre o encontro da filosofia grega com o cristianismo nascem os assim chamados “Pais da Igreja”. São os primeiros escritores eclesiásticos que unem as duas correntes – a filosofia e o pensamento cristão – e se levantam em defesa do cristianismo.

Deste modo, o presente trabalho pretende apresentar o pensamento de Santo Agostinho quanto à felicidade e de que modo a noção de Verdade é contribuinte a esse tema, ou por melhor dizer, como ela constitui seu fundamento e sua causa, uma vez que para o bispo de Hipona a beatitude está na posse da sabedoria e a sabedoria, por sua vez, é a própria Verdade.

Para tanto, procedeu-se a uma seleção dos principais textos agostinianos sobre o assunto em questão, tais como as *Confissões*, que constituem documento de fundamental importância no estudo de sua caminhada espiritual e humana e, que por sua vez, apresentam sua busca e seu anseio sempre constante pela Verdade e a posse da beatitude. A essa importante obra some-se suas *Retratações*, obra escrita já nos últimos anos de sua vida que testemunham o desejo de Agostinho de sempre se colocar aos pés da Verdade e a ela se conformar, espiritual e moralmente. Além desses textos acrescentam-se outras obras, tais como *A Trindade*, *A vida feliz*, *Solilóquios*, *A Verdadeira religião*, *O livre arbítrio*, *A doutrina cristã* e *A cidade de Deus*,

³ São os escritos do Novo Testamento.

bem como comentadores do bispo de Hipona, tais como Trapé (2018), Gilson (2010), Maschio (2017), entre outros.

Numa primeira parte, procurou-se demonstrar, com base nos escritos agostinianos e nos comentadores do bispo, o modo como sua busca pela Verdade se apresenta em seus escritos e em sua vida, como se pode observar em sua obra autobiográfica intitulada *Confissões*. Posteriormente, buscou-se demonstrar como a Verdade é conceituada e definida ontologicamente pelo Doutor de *Hippo* em seus escritos, bem como o modo como ela constitui o fundamento e sustento da beatitude, ou seja, a vida feliz.

1 A busca da verdade nos escritos e na vida de Santo Agostinho

Santo Agostinho é universalmente conhecido por sua busca incessante pela Verdade. Não se estaria errado em denominá-lo de Filósofo da Verdade. São comoventes os textos das *Confissões* em que ele descreve sua angústia na procura de algo verdadeiro e suas constantes decepções, seja no racionalismo, no maniqueísmo e, sobretudo, no ceticismo.

Em suas *Retratações*, obra que redigiu já nos últimos anos de sua vida, com o propósito de rever e avaliar tudo o que havia escrito até então em suas outras abundantes obras, percebe-se a preocupação do bispo em querer “julgar-se aos pés do Único Mestre – outro nome da Verdade” (BELMONTE, 2018 p. 10).

Um fator decisivo que impulsionou Agostinho aos estudos filosóficos foi a leitura do *Hortensius* de Cícero, em que o autor fazia uma exortação ao estudo da filosofia, o que constitui o início de sua procura sempre ávida pela Verdade, como bem aponta Maschio (2017, p. 26):

Com o espírito inflamado pelo convite de Cícero a procurar a sabedoria, Santo Agostinho deu os primeiros passos em busca da verdade com a leitura das Sagradas Escrituras, como não podia deixar de ser, com alguém que tinha sido amamentado na pia da religiosidade materna.

No início, essa leitura das Escrituras não obteve sucesso, pois as aparentes “contradições, a crueldade e o caráter fantasioso do texto não tardaram a decepcionar e a parecer ridículos ao jovem filósofo” (MASCHIO, 2017, p. 26). Contudo, esse fato foi decisivo para os novos rumos que se seguiriam na vida do bispo de Hipona.

Com efeito, Cícero chamava a atenção a que o homem não devia se agarrar a qualquer filosofia, seja o socratismo, o platonismo, ou qualquer outra. O autor do *Hortensius* exortava que se devia estudar a filosofia em si mesma. Cícero aí tecia o elogio à verdadeira filosofia e

refutava os supostos filósofos que exortavam ao erro. [...] não exortava a seguir esta ou aquela corrente filosófica, mas a filosofia como tal” (TRAPÉ, 2018, p. 65).

Segundo Cícero, a posse da sabedoria traria a felicidade ao homem. Nesta via, ao mesmo tempo que a leitura do *Hortensius* desperta em Agostinho o amor pela sabedoria, também desperta nele o desejo pela felicidade. Pois, se a posse da sabedoria conduz à felicidade e, se a filosofia é a busca da sabedoria, logo o filosofar conduz o homem também à felicidade. Sendo assim,

O tema da felicidade foi, certamente, despertado em Agostinho a partir da leitura do *Hortensio* de Cícero, obra que o converteu ao gosto da filosofia. A obra de Cícero, de fato, repassava, num exame crítico, todas as escolas e seitas filosóficas, assinalando os erros de cada uma delas, para concluir num ecletismo filosófico ideal e temperado. A obra despertou Agostinho para a busca da verdadeira felicidade, da verdade e da sabedoria (FRANGIOTTI, 1998, p. 112).

A verdadeira filosofia é, segundo Cícero, o caminho que conduz o homem à posse da sabedoria. Quem possui a sabedoria torna-se sábio e, se quem possui a sabedoria é feliz, logo, todo sábio possui a felicidade. Ao mesmo tempo, se a sabedoria não pode estar fundada sobre a mentira, então quem a possui deve também possuir a própria Verdade. Assim, o sábio é feliz porque possui a sabedoria que provém da Verdade.

Por certo, a noção de felicidade no pensamento agostiniano está inteiramente relacionada ao conceito de verdade. Para que haja felicidade é preciso que haja verdade, pois não se concebe uma vida feliz fundada sobre a mentira; outrossim, a posse da Verdade pressupõe a posse da felicidade, pois a Verdade é o fundamento mesmo da felicidade.

Deste modo, em vistas a realizar uma exposição sintética da doutrina da felicidade no pensamento de Santo Agostinho, é necessário antes de tudo, investigar o modo como ele conceituou e definiu a Verdade, e quais as implicações que isso ocasiona em seu pensamento para, em seguida, perceber qual a noção de felicidade no agostinianismo.

Na busca pela verdade, Agostinho passou por dois grandes momentos, ou melhor, duas correntes de pensamento: o maniqueísmo⁴ e o ceticismo⁵ acadêmico. Ambas as estadas em um

⁴ O maniqueísmo foi uma heresia disseminada a partir do séc. III da era cristã, formando uma espécie de sincretismo religioso com a junção de conceitos cristãos, judaicos, gnósticos e pontos da doutrina de Zoroastro. Seu fundador é conhecido como Mani ou Maniqueu.

⁵ O ceticismo acadêmico é a designação das doutrinas criadas por filósofos gregos que negavam a possibilidade de o homem constatar ou provar a existência de qualquer verdade imutável e de total certeza. Afirmavam que a felicidade estava na busca pela verdade, mas não davam qualquer esperança de poder encontrá-la. Antes afirmavam que o indivíduo devia negar ter certeza de tudo.

e outro movimento foram motivadas pelo seu anseio de encontrar a Verdade. Como nenhum dos dois sistemas de pensamento o satisfizeram em sua busca, abandonou a ambos.

A adesão de Agostinho ao maniqueísmo se deu por sua angústia em responder ao problema do mal e porque não concordava com a suposta compreensão antropomórfica⁶, que, segundo cria, a Igreja Católica tinha de Deus. Acreditava que no sistema dualista maniqueísta não só encontraria respostas aos seus anseios como também eles lhe conduziram à Verdade. Entretanto, percebeu que os escritos da seita interpretavam de modo equivocado os textos cristãos e que, diferentemente do que pensava, o pensamento de Mani era lotado de fábulas e argumentos improváveis e não constatáveis. “As inquietudes, as dúvidas começaram logo. Começaram no âmbito científico, no âmbito escriturístico e no âmbito metafísico” (TRAPÉ, 2018 p. 95).

Desiludido com o maniqueísmo, o bispo de Hipona decidiu-se por procurar uma outra via que o levasse à Verdade. Aderiu então ao ceticismo acadêmico, um sistema filosófico que negava qualquer possibilidade de se ter a certeza de algo. Pregava que a vida do homem devia consistir na busca da verdade, mas não davam qualquer esperança de encontrá-la.

Porém, a estada de Agostinho nesse sistema também não foi permanente nem total. Antes de ser uma adesão às cegas aos acadêmicos, o ceticismo de Agostinho foi mais um método de estudo. Ele, de fato, nunca negou que não se pudesse ter certeza de tudo: “o ceticismo, de fato, não o havia levado a tão longe, a ponto de negar a evidência dos princípios da matemática” (TRAPÉ, 2018, p. 129).

Em *O livre arbítrio*, as leis matemáticas são usadas para provar a existência de verdades imutáveis que não sofrem alterações. O caráter de imutabilidade das leis matemáticas prova que existem verdades às quais o homem pode aderir na certeza de estar certo, o que se constitui uma refutação da doutrina cética. Se, nos *Solilóquios*, o principal argumento utilizado pelo doutor de *Hippo* é a certeza da existência do próprio pensamento, o que presume a existência do próprio sujeito (SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 41)⁷, em *O livre arbítrio*, além dessa tese que se tornou característica no agostinianismo, será também a certeza dos números que servirá de argumento para a existência de algo verdadeiro:

⁶ Os maniqueus afirmavam que, por crerem que o homem havia sido criado “à imagem e semelhança de Deus” (Gn 1, 26), os católicos criam que Deus fosse igual ao homem fisicamente, dotado de um corpo material e, por isso mesmo, um ser mutável.

⁷ “R. Sabes que te pensas? A. Sei. R. Portanto, é verdade que pensas. A. Sim. (SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 41)

É pela luz de meu espírito que corrigirei o indivíduo, seja ele quem for, que numa adição ou subtração me apresentar um resultado errôneo. Do mesmo modo, de tudo o que percebo pelos sentidos corporais, como o céu, esta terra e os diversos corpos que aqui se encontram, eu ignoro a sua duração futura. Mas, ao contrário, sei com certeza que sete mais três são dez. E isso não somente agora, mas para sempre. E que nunca, de modo algum, sete mais três cessaram no passado e não cessarão no futuro de ser dez. Tal é, pois, uma verdade inalterável dos números, que é, como disse, possuída em comum por mim e por qualquer ser dotado de razão (SANTO AGOSTINHO, 1995, p. 69-70).

Enquanto as coisas sensíveis, por conta de sua mutabilidade estão sujeitas à mudança, de forma que em um dado momento podem estar de um jeito e depois de outro, igualmente dois sujeitos podem ter concepções ou impressões diversas de um mesmo objeto. As realidades inteligíveis dos números, por outro lado, são as mesmas para todos os indivíduos e, por essa razão, todos compartilham desta visão pela luz de sua inteligência, o que se constitui em um argumento de refutação aos céticos. Em comentário a esse texto assim se expressa Oliveira (1995, p. 98):

As verdades eternas brilham por sua universalidade. Os céticos insistem na falsidade do ponto de vista individual, o que dá lugar a opiniões infundas e contraditórias. Para eles, não existe a verdade, porque esta é carente da garantia da comunidade pensante. Entretanto, por certo, há uma categoria de verdades comuns que resplandecem aos olhos de todos, num plano superior ao individual. Todos dizem o mesmo com pleno consenso. Agostinho não se cansa de ponderar a respeito dessas “*veritates communes*”, desse acordo do pensamento, nas verdades comuns a todos. Para ele, cada indivíduo tem sua razão e seu olho próprio. Ora, os objetos de ordem inteligível e comum acham-se à vista de todos os espíritos. Não se consomem, nunca se destroem por assimilação, como os manjares e as bebidas. Não são produtos das impressões sensoriais. Por exemplo, os teoremas de matemática só são percebidos pela inteligência. E por essa razão, gozam de uma essência incorruptível. Ao passo que tudo o que é percebido pelos sentidos corporais está sujeito à corrupção e não sabemos por quanto tempo durará. As verdades matemáticas são um patrimônio comum de todos os que pensam e são incorruptíveis.

Tendo estabelecido a possibilidade de existência de uma certeza à qual o homem pode agarrar-se sem receios, Agostinho superou o ceticismo e pôde dar o passo seguinte: o da “descoberta” da verdade, sua conceituação e terminologia.

Por certo, reconstruir aqui a travessia do bispo de Hipona do ceticismo à sua conversão ao catolicismo e todas as nuances que isso ocasionou em sua vida fugiria ao objetivo deste trabalho, que é a relação entre o conceito ideal de beatitude, ou seja, a felicidade na visão agostiniana e sua relação com o conceito ontológico da Verdade.

Contudo, essas linhas introdutórias se tornaram necessárias para se poder observar como a busca pela verdade, cujo encontro é necessário para que se alcance a felicidade, motivou e impulsionou a vida de Agostinho, seja no aspecto biográfico e moral, seja no intelectual e afetivo. Feitas, portanto, essas considerações, pode-se passar ao estudo de como o Doutor da Graça conceituou a Verdade e como entendeu sua ontologia após conversão ao catolicismo, cujo ideal foi, daí por diante, seu modo de vivência e sua crença até o último dia de sua vida.

2 A verdade e a felicidade em Santo Agostinho

Se a constatação da existência do eu pensante e das verdades matemáticas é o ponto de partida da filosofia agostiniana para que se possa ter a certeza de encontrar a Verdade, o método para esse encontro Agostinho o encontrou na leitura dos filósofos neoplatônicos. Cícero o exortou a buscar a sabedoria, mas esses filósofos o mostraram o método de encontrá-la. Foi sobretudo dois princípios fundamentais que auxiliaram o bispo de Hipona em seu “encontro com a Verdade”: o princípio da interioridade e o princípio de participação.

Em consequência à sua pertença ao maniqueísmo, Agostinho havia caído num materialismo dualista. A seita de Mani negava a existência de qualquer substância puramente espiritual. Até mesmo a alma humana seria uma espécie de substância material. A isto se some a concepção dualista do cosmos que pautava a existência do universo devido à ação de duas forças contrárias e antagônicas: o princípio da Luz e o princípio das Trevas. Este último seria o autor do universo sensível no qual o homem está inserido. Assim, o homem era uma mistura de duas substâncias, em que o corpo (a substância má) é obra do Deus mal e a alma humana (a substância boa) era oriunda do Deus bom. Por sua vez, todos os demais seres, como as plantas, foram criados pela substância do mal.

Essas ideias materialistas constituíram o principal obstáculo para Agostinho na formulação do conceito de Verdade, do Belo e do Sumo Bem, pois, além de o impedirem de ascender aos bens inteligíveis e de adentrar dentro de si mesmo, também o colocavam a enxergar o sensível como algo mal e, portanto, destituído de beleza ontológica. Por certo, tudo o que ele conseguia imaginar era algo material. Agostinho se via impossibilitado de imaginar qualquer substância espiritual:

Voltei-me então para a natureza da alma, mas a falsa opinião que tinha sobre as coisas espirituais impedia-me de ver a verdade. A própria força da verdade saltava-me aos olhos, e eu desviava da realidade incorpórea a mente ansiosa para fixá-la nas linhas,

nas cores, nas grandes massas. Não conseguindo percebê-las na alma, julgava impossível ver o meu espírito (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 100).

O princípio de interioridade permitiu a Agostinho libertar-se do materialismo para poder ascender às realidades inteligíveis, libertando-se do sensível: (2002, p. 98):

A dialética da interioridade agostiniana contém três movimentos: o *afastamento do mundo* (não saias de ti), *introversão* (volta para dentro de ti mesmo) e o *salto para a transcendência de Deus* (vai além de ti mesmo). A verdade encontrada por ele não é uma projeção da consciência, mas uma realidade objetiva, alcançada no Ser supremo que habita o homem. A descoberta da luz interior foi o principal acontecimento na peregrinação espiritual de Agostinho (OLIVEIRA, 2002, p. 98).

Foi mediante o princípio da interioridade que Agostinho conseguiu ascender às realidades inteligíveis mediante a descoberta do que ele denomina de “homem interior”. A alma humana, tendo a mente (*mens*) como parte mais elevada, compreendida agora como uma realidade ou substância espiritual, será o lugar onde Agostinho encontrará o vínculo ontológico com a Verdade Eterna:

Até aquele momento estava fixado nas realidades sensíveis e em suas imagens que se movem turbulentamente no ânimo. Agora era convidado a superar umas e outras, a subir mais alto, a fixar-se na luz da verdade que ilumina a mente quando, ao formular um juízo, distingue o verdadeiro do falso (TRAPÉ, 2018, p. 146).

Neste novo caminho que trilhará o Doutor de *Hippo*, podem-se destacar dois de seus passos que constituem a chave para compreender sua doutrina sobre a Verdade. Primeiro de tudo, é mister saber onde habita essa Verdade e como encontrá-la. Em seguida, deve-se dar sua definição e sua necessidade para o homem. Para tanto, procedeu-se à seleção de alguns textos fundamentais do bispo de Hipona nestes dois procedimentos.

No que se refere ao local onde habita a Verdade, lê-se em *A verdadeira religião*:

Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem. E se não encontras senão a tua natureza sujeita a mudanças, vai além de ti mesmo. Em te ultrapassando, porém, não te esqueças que transcendes tua alma que raciocina. Portanto, dirige-te à fonte da própria luz da razão. Aonde pode chegar, com efeito, todo bom pensador senão até à Verdade? Se a Verdade não é atingida pelo próprio raciocínio, ela é, justamente, a finalidade da busca dos que raciocinam (SANTO AGOSTINHO, 2002, p. 98).

Partindo do princípio de interioridade, Agostinho disserta que é no seu interior mesmo que o homem há de encontrar a Verdade. E o segundo princípio vem em apoio ao primeiro para

apoiar essa tese. Porque todas as coisas são criadas e participam do Princípio que as criou é que elas existem. Esse princípio criador é, para o Doutor da Graça, o Deus bíblico cristão, que por sua vez é ele próprio a mesma Verdade. Logo, se o homem foi criado por Deus, ele participa de Deus. Essa participação presume uma imanência de Deus no homem, como em toda a sua criação. Portanto, ao mesmo tempo que Deus é transcendente ao homem, ele também é imanente. Nas palavras de Trapé (2018, p. 147), o princípio da participação é aquele “segundo o qual todas as coisas provêm de Deus e são, ao mesmo tempo, uma participação e uma imitação de Deus”.

No tratado *A Trindade*, a Verdade é definida como sendo o próprio Deus. Por sua vez, essa Verdade é uma espécie de luz. Não se equipara à luz material que é irradiada pelo sol e que é percebida pelo sentido da vista por meio dos olhos corporais. Essa é a luz da Verdade, que com seu brilho ilumina todos os homens e os estimula a buscá-la. Esta luz não é vista com os olhos do corpo, mas com o olhar do espírito que a vê como a causa primeira de todos os outros seres e a fonte de onde emana todas as outras verdades. Esta luz tem natureza transcendental de maneira que, embora o olhar da mente possa perceber sua existência, não pode, contudo, vê-la como os olhos do corpo veem a luz do sol emanar-se pelas coisas sensíveis:

Ó alma, olha bem, se o podes, oprimida que estás pelo peso do corpo sujeito à corrupção e curvada sob múltiplos e variados pensamentos terrenos. Olha bem, e compreende, se o podes: Deus é a verdade! (Sb 9,15). Com efeito, está escrito: Deus é luz (1Jo 1,15). Não como a luz que estes olhos vêem, mas como aquela que só o coração vê, quando escuta dizer: é a verdade! Não perguntes o que seja a verdade, pois imediatamente se interporão névoas das imagens corpóreas e nuvens de fantasias que perturbarão a serena claridade que brilhou em ti, no primeiro instante em que te disse: Verdade! Sim, se o podes, permanece nesse primeiro momento em que foste tocada como por um raio, quando ouviste: Verdade! Mas não, não o podes, pois resvalas para os pensamentos terrenos e rotineiros. Qual é pois, eu te peço, esse peso que te faz recair, senão o das impurezas contraídas pela viscosidade das paixões e erros de tua peregrinação? (SANTO AGOSTINHO, 1995, p. 263).

A teimosia do homem em querer viver por si mesmo e não querer reger-se conforme as leis da Verdade é o peso que Agostinho descreve, que impede o homem de aderir a esse bem supremo, sem o qual o homem vive na miséria.

Nas *Confissões* Agostinho disserta que, para uma verdadeira vida feliz, deve o homem fundá-la na Verdade, pois uma existência cujo fundamento é a falsidade não pode de modo algum conduzir o homem à beatitude, uma vez que o que vive é a própria mentira.

Pergunto a todos se preferem encontrar a alegria na verdade ou na falsidade. Todos são categóricos em afirmar que a preferem na verdade, como em dizer que desejam ser felizes. A vida feliz é a alegria que provém da verdade. Tal é a que brota de Vós, ó Deus, que sois "a minha luz, a felicidade do meu rosto" e o meu Deus. Todos desejam esta vida feliz. Oh! Todos querem esta vida, que é a única feliz; sim, todos querem a alegria que provém da verdade. Encontrei muitos com desejos de enganar outros, mas não encontrei ninguém que quisesse ser enganado. Onde conheceram eles esta vida feliz senão onde alcançaram o conhecimento da verdade? Amam a verdade, porque não querem ser enganados; e, ao amarem a verdade feliz, que não é mais que a alegria oriunda da verdade, amam, com certeza, também a verdade. Não a poderiam amar, se não tivessem na memória qualquer noção de verdade. Por que não encontram nela a sua alegria? Por que não são felizes? Não são felizes porque, entregando-se com demasiado afincamento a outras ocupações que, em vez de ditosos, os tornam ainda mais desgraçados, recordam, apenas frouxamente, aquela Verdade que os pode fazer felizes (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 262-263).

Agostinho é categórico em afirmar que todos querem ser felizes na Verdade e que repulsam com todo desgosto aquilo que é falso. Contudo, se assim se dá, como se explica o fato de alguns não optarem por se conformar a esse ideal? Pois, se assim o fazem, não poderão ser felizes e, em contrapartida, ou não desejam ser felizes, o que na filosofia agostiniana é um absurdo, porque ela afirma sem meias palavras que todos querem a felicidade, ou não conhecem essa realidade sem a qual não se encontra a beatitude.

Porém, Gilson (2010, p. 41-42), afirma que a Verdade é algo comum a todos os homens, não se constituindo como uma propriedade individual, mas uma realidade ao mesmo tempo imanente e transcendente que é comum a todos os sujeitos e a qual eles podem perceber a partir da intuição de sua mente:

[...] está claro que a verdade não é o efeito da razão individual, já que ela é comum a todas as razões. Ela pode ser considerada como um tipo de luz, que nem é nossa nem vossa, nem de algum homem em particular, mas ao mesmo tempo secreta e pública, possuída por qualquer um e, portanto, a mesma em todos que percebem, no mesmo momento, as mesmas verdades imutáveis.

Assim sendo, se a Verdade é possível de ser percebida por todos os que direcionam o olhar da alma para as realidades imutáveis e inteligíveis, de modo a perceber uma razão suprema que é a causa de todos os demais seres, torna-se preciso explicar o fato de nem todos os homens a desejarem contemplar e a ela aderir.

No texto retirado de *A Trindade* e acima citado, o bispo de Hipona já dava uma primeira reposta, consistindo no fato de a concupiscência, ou seja, os pecados e o gosto pelo pecado, precipitarem o homem, de forma que ele se encontra impedido de elevar o olhar para as realidades imutáveis e, por isso, se detém somente no sensível e passageiro. A isso some-se o

fato de, preso como se encontra ao sensível, o homem o amar de tal modo que a ele quer aderir e só dele viver.

Em *A doutrina cristã*, o Doutor de *Hippo* já fazia a distinção entre as coisas que se deviam fruir e as que se deviam utilizar, segundo a qual fruir é aderir a uma coisa por ela mesmo e amá-la em si mesma. Em contrapartida, as coisas que devem ser usadas são as que o sujeito se serve para elevar-se até as que se deve fruir. O objeto de fruição é a realidade imutável, ou seja, o próprio Deus e, em outras palavras, a Verdade. De todas as demais coisas deve o homem usar de tal modo que o eleve até à contemplação dessa Suma Essência:

Entre as coisas, há algumas para serem fruídas, outras para serem utilizadas e outras ainda para os homens fruí-las e utilizá-las. As que são objeto de fruição fazem-nos felizes. As de utilização ajudam-nos a tender à felicidade e servem de apoio para chegarmos às que nos tornam felizes e nos permitem aderir melhor a elas. Nós, criaturas humanas, que gozamos e utilizamos das coisas, encontramos-nos situados entre as que são para fruir e as que são para utilizar. Se quisermos gozar do que se há simplesmente de usar, perturbamos nossa caminhada e algumas vezes até nos desviamos do caminho. Atacados pelo amor das coisas inferiores, atrasamo-nos ou alienamo-nos da posse das coisas feitas para fruímos ao possuí-las (SANTO AGOSTINHO, 2002, p. 34).

Ao transgredir essa ordem o homem lança-se sobre o material em detrimento do espiritual e, por essa razão, essa transgressão age nele como um peso, impedindo-o de elevar-se até o inteligível. Amando o sensível e mutável, o homem pensa estar aderindo à felicidade, mas engana-se e se esvai em realidades efêmeras. Pois, ao não aderir à Verdade, o homem apega-se à mentira, e ama-a de tal maneira e nela se congratula que a confunde com a Verdade e pensa encontrar nela a felicidade que tanto procura. Eis como Santo Agostinho se expressa em suas *Confissões*:

Talvez por amarem de tal modo a verdade que todos os que amam outra coisa querem que o que amam seja a verdade. Como não querem ser enganados, não se querem convencer de que estão em erro. Assim, odeiam a verdade, por causa daquilo que amam em vez da verdade. Amam-na quando os ilumina, e odeiam-na quando os repreende. Não querendo ser enganados e desejando enganar, amam-na quando ela se manifesta e odeiam-na quando os descobre. Porém a verdade castigá-los-á, denunciando todos os que não quiserem ser manifestados por ela. Mas nem por isso ela se lhes há de mostrar (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 263).

Há, portanto, os que se alegram inevitavelmente com o esplendor da Verdade, pois conformaram sua vida a ela, sempre preferindo o verdadeiro ao falso e o Sumo Bem aos bens inferiores e, desse modo, sua felicidade está pautada na posse da sabedoria. Em contrataste, há

aqueles para quem a Verdade só lhes é doce quando se conforma às suas aspirações. Estes querem antes que a Verdade se conforme a eles que eles a Ela. Esses tais são os estultos, os quais não conseguem elevar-se às realidades inteligíveis e encontrar aí seu repouso, pois estão de tal modo presos e apegados às coisas transitórias que o apartamento constitui sua infelicidade e sua maior miséria.

Esses são os indigentes que são descritos em *A vida feliz*, aqueles que não chegaram ao porto da sabedoria. Por certo, neste diálogo filosófico, o bispo de Hipona precisa que a felicidade está na posse da sabedoria que, por sua vez, é o próprio Deus e, por conseguinte, a mesma Verdade. Eis como se expressa o Santo Doutor:

Ao contrário, quando alguém, tendo encontrado a sabedoria, faz dela o objeto de sua contemplação — para me servir de uma expressão deste menino — e a ele se apega (*ad ipsam se tenet*), sem se deixar seduzir por coisas vãs, sem se voltar mais para as aparências enganosas, cujo peso arrasta e submerge em profunda objeção, tudo se desfaz, por estar ele abraçado a seu Deus (*amplexus a Deo suo*). Então, essa pessoa não teme mais a imoderação, nem carência alguma, e, por conseguinte, nenhuma infelicidade. Concluamos, pois, que toda pessoa para ser feliz deve possuir sua justa medida, isto é, possuir a sabedoria (SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 104).

Nos itens seguintes, Agostinho precisa que a sabedoria que torna o homem feliz é o próprio Deus, logo a felicidade reside na contemplação da Trindade. Assim sendo, é a Verdade o pressuposto para alcançar a felicidade. Outrossim, a posse da Verdade já é a felicidade no pensamento agostiniano. Como na doutrina de Santo Agostinho a noção de Verdade é de caráter teológico, por sua vez o conceito de vida feliz também o é. Por certo, em suas *Retratações*, o bispo de Hipona afirma que o homem “deve viver segundo Deus, para ser capaz de chegar à felicidade; para alcançá-la, não deve estar satisfeito consigo mesmo, mas nossa mente deve submeter-se a Deus” (SANTO AGOSTINHO, 2019, p. 23).

Pode-se resumir o pensamento agostiniano referente à beatitude com o importante texto de *A cidade de Deus*:

Contudo, ninguém é feliz, se não goza do que ama. Isso, porque os mesmos que amam as coisas que não se deve amar, não se julgam felizes amando-as, mas gozando-as. Não é feliz, por conseguinte, quem goza do que ama e ama o verdadeiro e soberano bem? Não é cúmulo da miséria negá-lo? Ora, o verdadeiro e soberano bem é Deus mesmo, di-lo Platão. Por isso quer que o filósofo tenha amor a Deus, pois se a felicidade é o fim da filosofia, gozar de Deus, amar a Deus é ser feliz (SANTO AGOSTINHO, 2013, p. 323-324).

Em suma, o conceito de beatitude na filosofia de Santo Agostinho está intimamente ligado à ideia da Verdade, que por sua vez, é a própria substância de Deus. Por certo, é a Verdade o próprio fundamento e a regra da vida feliz.

Conclusão

A felicidade e a Verdade são temas de importância singular no pensamento agostiniano. A Verdade motivou toda a sua carreira intelectual e espiritual. Quando fez seu retiro em Cassísiaco, se preocupou logo por escrever algo sobre a beatitude, nascendo disso o diálogo filosófico *A vida feliz*.

Para o Doutor de *Hippo*, a Verdade é o bem supremo a ser buscado pelo homem. Por ela o homem é iluminado e nela deve comprazer-se. É a Verdade uma luz intelectual, que, brilhando, banha o homem com toda a sua luz. Diferentemente da luz corpórea, que ilumina os objetos sensíveis para que o olhar atento do homem possa vê-los, a luz da Verdade é de uma substância espiritual, a qual só pode ser vista pelo olhar purificado da mente que, com piedade e retidão, a ela adere e nela quer permanecer, conformando sua vida a essa realidade imutável.

Todos os homens querem ser felizes e buscam a felicidade, afirma Agostinho. Para ser feliz, é preciso que o homem esteja conformado com a Verdade. Uma vida que não a tem como fundamento não pode ser denominada propriamente uma vida feliz. Porém, se de um lado todos querem ser felizes, de outro, nem todos querem viver conforme a Verdade. Isso se dá devido ao peso dos pecados que prendem o homem e o impedem de ascender às realidades superiores. Assim, amam de tal modo a mentira que acreditam ser ela uma verdade e, por isso, vivem infelizes. Ainda que se comprazam nas alegrias passageiras e mutáveis desta vida, não saboreiam nem conhecem a beatitude da eternidade.

Para Agostinho a Verdade é o próprio Deus, o autor e o criador de todo o universo e o princípio e a causa de tudo o que for verdadeiro. Desse modo, é Ele a Verdade ontológica por natureza. Nesta via, se o fim do ser humano é aderir à Verdade e a amar, amando-a o homem une-se a ela e recebe o penhor da beatitude. Portanto, é no conhecimento da Verdade, no amor a ela, que o homem encontra a vida feliz. Desse modo, a Verdade é a causa e, por assim dizer, o único meio, segundo Agostinho, de o homem atingir a beatitude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, S. **A cidade de Deus**: Contra os pagãos, parte I. Tradução de Oscar Paes Leme. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- AGOSTINHO, S. **A doutrina cristã**. São Paulo: Paulus, 2002.
- AGOSTINHO, S. **A verdadeira religião**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.
- AGOSTINHO, S. **A Trindade**. Tradução de Augustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.
- AGOSTINHO, S. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- AGOSTINHO, S. **De beata vita**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998.
- AGOSTINHO, S. **O livre arbítrio**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.
- AGOSTINHO, S. **Solilóquios**. Tradução de Adauri Fiorotti. São Paulo: Paulus, 1998.
- AGOSTINHO, S. **Retratações**. Tradução de Augustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2019.
- BELMONTE, A. Introdução. In AGOSTINHO, S. **Retratações**. Tradução de Augustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.
- FRANGIOTTI, S. Introdução. In AGOSTINHO, S. **De beata vita**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998.
- GILSON, É. Introdução ao estudo de Santo Agostinho. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- MASCHIO, E. A. **Santo Agostinho**: O doutor da graça divina contra o mal. São Paulo: Editora Salvat, 2017.
- OLIVEIRA, A. N. Nota do tradutor. In AGOSTINHO, S. **O livre arbítrio**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.
- OLIVEIRA, A. N. Notas da tradutora. In AGOSTINHO, S. **A verdadeira religião**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.
- TRAPÊ, A. **Agostinho**: o homem, o pastor, o místico. Tradução de Francisco Evaristo Marcos e Marcos Roberto Nunes Costa. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.